

## DESAFIOS ENFRENTADOS NO ENSINO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PIBID

Andressa Lima Mineu Alves Gomes<sup>1</sup>  
Ana Vitória de Jesus Silva<sup>2</sup>  
Jamile Holanda Ferreira<sup>3</sup>  
Vanessa de Sousa Oliveira<sup>4</sup>  
Yúla Pires da Silveira Fontenele de Meneses<sup>5</sup>

### INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa que busca fazer a integração da educação superior com a escola, estabelecendo projetos de cooperação que melhorem a qualidade de ensino nas escolas de rede pública, tendo entre seus objetivos qualificar a formação inicial de professores (BRASIL, 2009). Somado a isto, Welter; Sawitzki, (2014, p. 263) afirmam que o PIBID colabora não apenas na construção de “um espaço de intervenção profissional por meio da iniciação à docência em busca de construir estratégias inovadoras”, mas também de análises, problematizações e discussões da realidade em que a Educação Física se encontra inserida nos espaços escolares.

As práticas corporais de aventuras implementadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), surgem como uma novidade comparada aos conteúdos tradicionais da Educação Física. De acordo com a BNCC as práticas corporais de aventuras (PCA) caracterizam expressões corporais provocadas por situações de imprevisibilidade, incertezas e risco controlado quando o participante interage com meio ambiente, na natureza ou meio urbano (BRASIL, 2018).

Nesse cenário, a implantação de unidades temáticas na BNCC permitiu ao preceptor, novos desafios para lidar com a percepção de assuntos como as PCA. Dúvidas surgiram, advindas das mudanças, pela dificuldade de inserção no chão da escola, pois os preceptores não tiveram estas informações em sua formação universitária promovendo, então a oportunidade de transferir essa unidade temática para dentro da escola de uma forma interessante analisando práticas e criando oportunidades.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [andressa.mineu7@gmail.com](mailto:andressa.mineu7@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [navitoriadejs@aluno.uespi.br](mailto:navitoriadejs@aluno.uespi.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [jamilhferreira@aluno.uespi.br](mailto:jamilhferreira@aluno.uespi.br);

<sup>4</sup> Especialista em Educação Física pelo Centro Universitário Uninovafapi - UNINOVAFAPI, [vanessasousa\\_@hotmail.com](mailto:vanessasousa_@hotmail.com);

<sup>5</sup> Doutora, Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [yulapires@ccs.uespi.br](mailto:yulapires@ccs.uespi.br).

Considerando que os bolsistas do PIBID do curso de Licenciatura em Educação Física vivem experiências de atuação com poucos recursos materiais e com estrutura física precária, na maioria das vezes, tornou-se necessário reformular e adaptar o componente curricular de PCA permitindo uma visão ampla para as unidades temáticas, pois de acordo com Darido (2013), para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas para além dos esportes tradicionais.

Nessa perspectiva, o presente relato de experiência tem por objetivo socializar os desafios enfrentados no ensino de práticas corporais de aventura na escola no e ensino médio.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Este estudo tem característica descritiva, do tipo relato de experiência de aulas de PCA oriundas do PIBID de educação física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) em Teresina, realizadas junto a alunos do ensino médio. Participaram da experiência nove bolsistas cursistas do segundo período do curso de Licenciatura em Educação Física, uma professora supervisora do programa e 43 alunos do primeiro ano do ensino médio. A experiência foi realizada na quadra poliesportiva do Centro Educacional em Tempo Integral CETI Didácio Silva elaborando atividades de PCA.

Outrossim, seguiu-se as seguintes etapas para a realização dessa experiência: planejamento, busca por materiais alternativos, preparação do ambiente para a prática, experimentação das atividades pela professora e pibidianos e aplicação da aula prática aos estudantes.

O planejamento das ações iniciou com uma reunião entre a professora e os pibidianos, tendo em vista que, no plano mensal da escola estava previsto somente o conteúdo teórico de PCA. A professora sugeriu que depois da aula teórica se pensasse em como realizar aulas práticas desta unidade temática, levando em consideração a inviabilidade de sair do ambiente escolar e também os riscos que esse tipo de atividade poderiam oferecer aos praticantes. Além disso, havia um agravante, o fato desse tipo de prática nunca ter sido realizado na escola e há poucos dias um aluno ter se machucado na aula de educação física o que causou constrangimento com a família. A gestão solicitou que fossem tomadas as devidas medidas de segurança para evitar atividades perigosas. No entanto, após várias propostas de atividades serem descartadas chegou-se a um consenso, para a realização de três atividades: “falsa baiana aérea adaptada” em coluna de ferro, escalada adaptada em coluna de ferro e deslocamento com corda, as quais serão posteriormente explicadas.

A primeira etapa foi a busca por materiais alternativos no sentido de tornar possível a realização das atividades e o que já se tinha disponível. Verificou-se a existência de alguns tatames na escola e somente um colchonete que a professora tinha em casa. Dessa forma, foram utilizados papelões para substituir a falta de colchonetes e a gestão da escola providenciou cordas nas espessuras adequadas à atividade.

Em seguida, a professora juntamente com os pibidianos foram preparar o ambiente para a prática. Nesse momento foram feitos os nós conforme especificado por Darido (2018) e separado a área e equipamentos para cada atividade no ambiente da quadra e na sequência aconteceu a experimentação das atividades pela professora e pibidianos, para verificar se o nó era confiável, observar possíveis riscos e também a viabilidade das atividades para a turma.

E a última etapa foi a aplicação da aula prática aos estudantes. Inicialmente alguns pareciam resistentes a prática, mas ao ver os colegas executando, se encorajavam. A sequência da aula partiu de um alongamento realizado por um pibidiano, seguido por um aquecimento realizado por outro. Já o desenvolvimento das atividades envolveu a todos ao comando e supervisão da professora. A aula teve duração de 50 minutos e foi finalizada a com um diálogo explicativo e escutas de críticas e sugestões.

A primeira atividade desenvolvida foi a “falsa baiana aérea adaptada” utilizando uma coluna de ferro e cordas de sisal foram amarradas entre as colunas de ferro das laterais da quadra ficando estendidas na horizontal; uma corda foi amarrada na parte superior e outra na inferior para garantir suporte e segurança para os alunos os quais deveriam segurar na de cima e com os pés, se equilibrar na de baixo e movimentar-se de uma ponta a outra da quadra segurando na corda superior para se equilibrar na inferior. A ideia era que o aluno não tocasse no chão, contudo, antes da atividade foi importante deixar claro que caso isso acontecesse não haveria problema, pois era possível tentar novamente.

No intuito de evitar acidentes a professora solicitou que a atividade fosse feita mantendo os calçados no pé, para não se machucarem, e também colocou tatames em baixo para, em caso de queda, houvesse o amortecimento. Além disso, os pibidianos estavam próximo aos alunos dando apoio e segurança durante a atividade.

Conforme orientações de Darido (2018) na “falsa baiana aérea” a altura da corda de baixo deve ser de no máximo 70 cm do chão e quanto mais ela for tracionada maior será sua estabilidade. A espessura da corda deve ser de 10mm a 12mm. A autora indica o nó de caminhoneiro, também conhecido como nó carioca e catau de tração. Além disso, o mais recomendado é o uso de cordas estáticas de montanhismo, no entanto, como são caras e mais difíceis de ter nas escolas é necessário respeitar as espessuras de segurança.

Na medida do possível, foram seguidas as especificações apontadas por Darido (2018) e também houve experimentação pela professora supervisora e pelos pibidianos em todas as práticas sugeridas no intuito de garantir a segurança dos praticantes na aula.

Já no que diz respeito à escalada, o segundo exercício foi realizado na coluna de ferro gradeada da quadra. Nessa atividade exigiu-se mais atenção da professora e dos bolsistas para garantir maior segurança para os estudantes, em face do exposto, foram tomadas algumas medidas de precaução como: tatames em baixo das colunas e instrução de execução, minimizando assim os riscos. O exercício consistia em subir até um local demarcado, requerendo do aluno força, concentração e autocontrole.

A professora estabeleceu uma altura segura para a subida. Além disso, aqueles alunos que demonstravam medo eram encorajados com palavras como “estamos aqui” ou “vai dá certo”, mas não eram forçados a realizar a atividade.

A terceira atividade foi o deslocamento com corda, na qual utilizou-se corda e colchonete ou papelão. A corda foi amarrada em uma coluna e os alunos sentados no colchonete ou papelão no chão, deveriam puxar a corda na horizontal, puxando o próprio corpo até aproximar-se da coluna na linha estabelecida pela professora.

A experiência foi positiva e desafiadora com prática exitosa reconhecida pelos alunos a partir de questionamentos ao final da aula, quando expuseram ter gostado e quererem repetir a atividade em momentos futuros. Inclusive alguns declararam achar que não conseguiriam fazer as atividades devido ao grau de dificuldade, mas que por fim deu certo e estavam satisfeitos.

No que se refere aos desafios encontrados foi possível observar a falta de materiais adequados às diversas práticas corporais de aventuras limitando-se apenas a poucos materiais esportivos, em especial a falta de equipamentos de segurança para práticas de esportes de aventura na escola. Além disso, houve inicialmente insegurança por parte de alguns alunos e no sentido de superar esses desafios para aplicar o conteúdo tal como o planejado mostrou-se necessário a colaboração e intensa atenção dos pibidianos e supervisora, a fim de evitar qualquer tipo de acidente. Nesse contexto, foram criadas algumas regras limitantes das atividades a serem realizadas como, por exemplo, a limitação de altura no caso da escalada, o uso de tênis como equipamento de segurança para não lesionar a pele dos pés e o uso dos tatames abaixo das atividades aéreas, pois o importante é inovar visto que Darido (2018) apontou que essa modalidade de PCA exige mais a coragem do praticante e exploração de seu limite físico. É compreensível a ocorrência do medo por parte de alguns alunos, no entanto, com encorajamento e o cuidado com o outro é possível contribuir para a superação de crenças limitantes como “não vou conseguir”, “isso não é para mim” e assim pode permitir a exploração de atividades que exijam mais dos limites do corpo.

A experiência foi desafiadora, mas com muito aprendizado para todos. Construir esta aula, desde as escolhas das atividades e dos materiais a serem utilizados, bem como a maneira de utilizá-los foi bastante construtiva. O contato com este conteúdo possibilitou perceber adesão, participação, colaboração, superação e empenho vividos de forma divertida. Ademais, foi preciso que os alunos entendessem um pouco dessas práticas corporais para melhor concepção e experimentação do conteúdo e melhoria da autoestima dos adolescentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da atual realidade enfrentada nas escolas públicas, no que se refere a espaços físicos e materiais adequados para a realização de PCA, os professores necessitam constantemente adaptar ambientes para oportunizar experiências essenciais na formação do aluno. Desse modo, é imprescindível que os discentes em sua formação inicial tenham contato com essas problemáticas, preparando se para os desafios futuros.

Conclui-se, portanto, a relevância da experiência no chão da escola para todas as partes envolvidas, os alunos, preceptora e pibidianos. Os alunos puderam desfrutar de uma experiência ímpar, onde relataram sua satisfação. Ademais, esse público foi beneficiado com atividades para além de práticas esportivas competitivas.

A preceptora por sua vez, relatou que foi uma atividade desafiadora para a turma tendo em vista que alguns alunos demonstravam insegurança. Somado a isto afirmou que os pibidianos proporcionaram maior incentivo, segurança e melhor orientação de forma individualizada. Já os pibidianos puderam auxiliar a preceptora, com ideias e discursões quanto à realização da aula de PCA na escola. No contexto escolar foi estimulado o senso crítico, não se contendo com a não realização de atividades diferenciadas daquelas do cotidiano e usaram a possibilidade de adaptação ao contexto vivido.

Entre os desafios enfrentados no ensino de práticas corporais de aventuras na escola estiveram presentes: a falta de materiais adequados às diversas práticas corporais de aventuras limitando-se apenas a poucos materiais esportivos, em especial a falta de equipamentos de segurança para práticas de esportes de aventuras na escola. Além da insegurança de alguns alunos. Entretanto, esses desafios foram superados com adaptações de atividades ao ambiente escolar, uso de materiais alternativos e a colaboração entre professora e bolsistas no sentido de evitar qualquer tipo de acidente.

**Palavras-chave:** Educação física; Ensino médio; Pibid; Experiências formativas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA CALLAI, A.N.; FERRAZ DE JESUS, R.; SAWITZKI, R. L. Formação inicial e iniciação a docência: uma análise a partir do subprojeto PIBID Educação Física. **Educación Física y Ciencia**, 19(2), e031, 2017. <https://doi.org/10.24215/23142561e031>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

DARIDO, S. C. **Práticas corporais Educação Física 6º a 9º anos**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2018.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Papirus 7ª edição. Campinas – SP: 2013.

FREITAS, T.A, RUFINO L.G.B, TAHARA, A.K, DARIDO, S.C. avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **Arquivos em movimento**, p. 4–16, janeiro/junho de 2016.

MACEDO, G.SOUZA, G.C.; MARTINS, A.C; ARALDI, F.M.; FOLLE, A.; prática pedagógica no PIBID educação física: um relato de experiência sobre a capoeira. **VII Congresso Nacional de Educação**, pág. 1–6, 2022.

MUSSI, R. F. FLORES, F.F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da conquista, v.17, n.48, p.60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxis\_edu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/articulate/view/9010>. Acesso em: 21 ago. 2023

